

APRESENTAÇÃO

Este é um número muito especial da nossa revista, pois em 2025 comemoramos 15 anos de sua existência, tendo ela sido fundada em 2010 pela saudosa companheira Ângela Rabello. Aquele primeiro número da revista teve como tema “Psicanálise aplicada. Diferentes formas de cuidar”, inaugurando o caminho das várias temáticas que se seguiram desde então, ao longo desses anos. Nosso grupo sente um carinho especial pela revista, pois ela é um retrato e traz o testemunho das várias questões que foram abordadas em nossas discussões e reflexões nesses anos de trabalho do Grupo de Pesquisa Os Primórdios da Vida Psíquica – Clínica dos Primeiros Anos.

Neste número, com o título “E o pai hoje?”, apresentamos os artigos de palestrantes das nossas mesas de debate do ano de 2024, quando nos dedicamos ao estudo do tema da paternidade. O que nos levou a escolher esse tema? Em primeiro lugar a constatação clínica da importância fundamental do pai para a constituição subjetiva da criança, na sua presença e eventualmente na sua ausência. Em segundo lugar, a constatação de que nas últimas décadas muitas pesquisas e compreensões se desenvolveram em torno da mãe, e da relação primária mãe-bebê. E o pai, onde estaria? Várias foram as funções atribuídas à figura paterna, no campo da psicanálise, sendo a mais frequente e principal aquela de operar como um terceiro separador do vínculo mãe-bebê, ou então na sua função de apoio à mãe para sustentá-la na aventura da maternidade. Mas muito pouco se escreveu sobre a relação direta entre o pai e o bebê. Além disso, pouco se pesquisou sobre a subjetividade do pai, sobre o processo do tornar-se pai, se comparamos com a grande produção de pesquisas e textos em torno da mãe e dos processos da maternidade.

E sabemos como o papel do pai foi se transformando consideravelmente nas últimas décadas a favor das mudanças culturais e sociais. Se tornar-se pai se inscreve em uma história individual, intergeracional, e em uma história de

casal, essa assunção se dá sempre também na cena social e coletiva. É nesse novo contexto que cabe refletir sobre as funções paternas a serem consideradas em sua complexidade, e os artigos que são apresentados a seguir contribuem de modo relevante para abordar essas questões que nos desafiam.

Abrindo esse grupo dos artigos que investigam o processo de tornar-se pai hoje, Bernardo Arbex parte da compreensão de que a paternidade envolve uma gestação psíquica no homem, por um processo de transformação do investimento narcísico do pai para o investimento objetual no filho. A noção de um legado perpassa esse artigo, legado resultante de lutos necessários para a afirmação da paternidade. O autor abre também a perspectiva sobre o tornar-se pai para as diferentes formas de vivência sublimatória do desejo de ser pai, através da arte, da música e de outras criações culturais.

No artigo seguinte, José Henrique Lobato Vianna propõe refletir sobre o desenvolvimento emocional do ser humano no que tange à paternidade e suas complexidades. Para tal empreendimento, ele faz uso do objeto literário a partir da perspectiva teórica do desenvolvimento emocional de Donald Winnicott. No desenvolvimento do seu texto, o autor propõe interrogações sobre o que é ser pai, pai pensado como sujeito histórico e afetado pelas ações da provisoriedade constituinte da vida humana.

O texto de Arianne Angelelli e Elisa Maria de Ulhôa Cintra investiga o processo de tornar-se pai tomando como ponto de partida os rituais da couvade, descritos como formas que visam facilitar o processo de constituição da paternidade em grupos indígenas e em diversas localidades no mundo. As autoras se servem desse ritual, compreendido como visando elaborar simbolicamente o sentimento paterno no homem nas suas várias dimensões, para contrapô-lo aos processos de reconhecimento e de apoio à paternidade na sociedade atual. Propõem que apesar do atual desenvolvimento científico, faltam rituais para cuidar de aspectos emocionais no processo de tornar-se pai.

Por seu lado, Carlos Alberto Plastino apresenta uma discussão entre a concepção freudiana da função do pai como portador da lei e encarregado de impor a separação mãe/filho e a concepção winnicottiana da constituição psíquica, que reconhece a grande complexidade do papel paterno, desde o papel de “mãe auxiliar”, até o de pai rival do complexo de Édipo, que passa nesse contexto a ser considerado como drama, em vez de tragédia.

Maria do Carmo Cintra de Almeida Prado traz uma visão clínica e teórica específica sobre a paternidade, lembrando inicialmente que a subjetividade é

uma construção vital complexa, que envolve vários e diferentes fatores que se articulam dialeticamente, entre os quais o pai tem especial relevância. A partir de cinco vinhetas clínicas são abordados o nascimento do sujeito e sua relação com as configurações edípica ou antedípica patológica, com seus efeitos nos processos de subjetivação. A autora se apoia sobre as conceituações de Paul-Claude Racamier para a discussão e compreensão dessas situações.

Um segundo grupo de artigos deste número da revista apresenta relatos de algumas situações clínicas tratando de dificuldades nas relações iniciais entre pais e bebês ou crianças pequenas e as compreensões que podem ser propostas a partir desses casos clínicos em suas especificidades, que colocam em cena a dimensão da parentalidade, destacando o que é do registro da maternidade e do registro da paternidade, em suas interrelações estreitas com o psiquismo infantil em construção.

No primeiro desses trabalhos, as autoras Alessandra Ricciardi Gordon e Eliane Saslavsky Muszkat apresentam brevemente a Clínica 0 a 3 da SBPSP na qual os pais e crianças foram atendidos. Em seguida, relatam o caso de uma família com seu bebê de 2 anos e 10 meses atendida pelas autoras. Este caso mostrou-se particularmente relevante pela evolução apresentada que permitiu a uma criança que não falava, pouco se socializava e permanecia alheia aos chamados do ambiente, a retomada do seu processo de desenvolvimento. Ao longo do relato do caso são apresentadas as hipóteses sobre a evolução do caso, em especial, da participação e envolvimento dos pais.

O artigo seguinte, de Raquel Andreucci Pereira Gomes e Wadad Ali Hamad Leoncio, apresenta um caso clínico de intervenção nas relações iniciais entre pais e filhos com dificuldades de desmame. O objetivo do estudo é relatar a experiência de atendimento clínico a uma família, destacando a importância da figura paterna no processo de desmame. Foram observadas transformações significativas na dinâmica familiar, incluindo-se a participação mais ativa do pai e a expansão do universo simbólico da criança. As autoras concluem que a intervenção oportuna possibilitou à mãe reconhecer suas inseguranças e histórias passadas que influenciavam o presente, permitindo-se realizar o desmame de forma gradual e “gentil”.

O artigo de Mariângela Mendes de Almeida e Patrícia Rossetti aborda a relação entre Daniele e sua filha Íris, de 3 anos, destacando os impasses na amamentação diante de novas alternativas ao desenvolvimento do vínculo. A resistência ambivalente ao desmame, ao mesmo tempo reassegura a mãe de sua importância e a sobrecarrega, em situação solitária e sem apoio de uma

parceria paterna. Durante a intervenção psicanalítica, a criança expressa, em modalidade lúdica e verbal mensageira, a necessidade de expansão vincular da relação corporal dual para a inclusão de terceiros. Daniele é convocada a reconhecer as competências da dupla, em contexto de flexibilização de expectativas rígidas, com novas alternativas de triangulação e integração de funções no campo da parentalidade.

No texto seguinte, Regina Orth de Aragão apresenta comentários a respeito das intervenções psicanalíticas junto a pais e bebês relatadas nos três artigos precedentes. Ao lembrar algumas características específicas dessa modalidade clínica, a autora justifica o interesse desse tipo de apresentação clínica e da reflexão em torno dos seus resultados pela importância de divulgar os benefícios dessa abordagem para as crianças e seus pais, além de permitir o aprofundamento do conhecimento sobre as relações iniciais entre crianças e seus pais.

E para finalizar o conjunto dos artigos desse número, o trabalho de Renata Rocha Lima de Almeida Orlando e Marina Ferreira da Rosa Ribeiro amplia a perspectiva da clínica da perinatalidade para abranger os tempos iniciais do encontro entre uma mãe e seu bebê, quando do nascimento. Assim, o texto busca discutir os elementos fundamentais que devem comparecer na clínica da perinatalidade, para além das diferentes especializações. O artigo se inicia com o relato de um parto acompanhado por uma das autoras como doula e psicanalista. A análise começa problematizando a assistência obstétrica no contexto brasileiro, e segue investigando a insurgência da doula em busca de compreender os elementos que a propiciaram. Por fim, através de exploração de base psicanalítica e em contato com o campo da ética do cuidado, são investigadas as bases fundamentais do cuidar na clínica perinatal.

É com enorme satisfação que apresentamos o conjunto desses trabalhos, certas da riqueza, profundidade e implicação teórica e clínica dos autores e autoras que se dispuseram a compartilhar suas experiências e reflexões sobre esses temas tão fundamentais para nosso campo. Nosso agradecimento a todos e a todas!